

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Camila Loureiro dos Santos

**VAMOS BRINCAR LÁ FORA?!?  
A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Santa Maria, RS  
2016

**Camila Loureiro dos Santos**

**VAMOS BRINCAR LÁ FORA?!?  
A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,RS), como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Infantil.

Orientadoras:

Prof<sup>a</sup> Me. Camila Borges dos Santos

Prof<sup>a</sup> Me. Cândice Moura Lorenzoni

Santa Maria, RS  
2016

**Camila Loureiro dos Santos**

**VAMOS BRINCAR LÁ FORA?!?  
A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,RS), como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Infantil.

Aprovado em 23 de setembro de 2016

---

Prof<sup>a</sup> Me. Cândice Moura Lorenzoni  
(Presidente/Orientadora)

---

Prof<sup>a</sup> Me. Camila Borges dos Santos  
(Orientadora)

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Roseane Martins Coelho

Santa Maria, RS  
2016

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho ao meu marido Julio César, à minha família, e a todas as crianças que gritam silenciosamente pelo seu direito de brincar.*

## AGRADECIMENTOS

Um trabalho assim como este, não se faz sem o apoio e incentivo de muitos, desta forma agradeço:

- ao meu marido, que por muitas vezes saiu do seu trabalho cansado e dirigiu 600 km para que eu pudesse ir à aula, e também por sua paciência e parceria.

- às minhas orientadoras Camila e Cândice, que me estimularam na arte de escrever

- aos meu pais, por me dizerem por muito tempo que meu trabalho era estudar... e por proporcionarem a mim e a meus irmãos uma infância inspiradora

- à meus irmãos por estarem sempre por perto

- à EMEI Castelo Branco me receber como professora nesta minha nova caminhada

- à todas as colegas da EMEI Castelo Branco, pois o nosso dia-a-dia está presente neste trabalho

- às minhas colegas professoras que fazem parte desta pesquisa, e às que também responderam minhas perguntas, porém não foi possível colocar todas neste trabalho.

- à minha querida amiga que com carinho me lembrava todos os dias do trabalho importante a fazer

- aos meus amigos de infância e por terem feito parte de uma fase encantada da minha vida e a seus pais, por estarem sempre por perto

- ao Instituto Municipal de Ensino Assis Brasil (IMEAB), onde por muito tempo foi meu laboratório de reflexões e discussões, e a todas as colegas que lá, fizeram parte da minha caminhada

- à minha amiga e colega Carolina, que me estimulou a começar e continuar neste curso, por sua parceria, companhia e reflexões

- à Universidade Federal de Santa Maria, por me dar acesso ao ensino público gratuito e de qualidade inestimável

- à todos os professores e funcionários que trabalharam para que este Curso de Especialização se tornasse realidade.

## RESUMO

### **VAMOS BRINCAR LÁ FORA?!? A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

AUTOR: Camila Loureiro dos Santos

ORIENTADORAS: Camila Borges dos Santos e Cândice Moura Lorenzoni

Este trabalho apresenta uma reflexão e análise sobre o papel da Educação Física na Educação Infantil, buscando compreender a inserção do professor de Educação Física neste contexto e suas possíveis intervenções com crianças de 0 a 5 anos. A pesquisa parte das vivências da autora quando criança e a importância destas para suas escolhas profissionais. Logo após propõe uma série de inquietações acerca do trabalho de educação física realizado com crianças da educação infantil. Para a construção de dados foram realizados registros em vídeos e fotografias das atividades com crianças, questionário com professoras da instituição e referenciais teóricos pertinentes ao assunto. Neste contexto, percebeu-se que é necessário buscar fundamentações teóricas a fim de esclarecer a importância do professor de educação física se engajar na proposta pedagógica desta etapa da educação, considerando que as vivências oportunizadas às crianças não são separadas por disciplinas e devem priorizar o brincar e o movimentar-se. Constatou-se que existem diversas bibliografias da área que abordam a questão do movimento na educação infantil, jogos, psicomotricidade e desenvolvimento motor, porém existe uma carência de materiais que sejam capazes de compreender a prática pedagógica em aulas de educação física que garantam o direito da criança de brincar e interagir. O brincar e movimentar-se não pode ser reduzido como suporte pedagógico para as aprendizagens cognitivas como a alfabetização, ou para o desenvolvimento de habilidades que serão usadas futuramente. Após estas reflexões, chegou-se a conclusão de que as ações pedagógicas de um professor de educação física na educação infantil, podem sim contribuir para o desenvolvimento integral da criança, já que ela aprende o tempo todo, brinca o tempo todo e movimenta-se o tempo todo, mas somente se isto lhe for permitido.

**PALAVRAS CHAVE:** Educação Infantil. Educação Física. Brincar. Movimentar-se. Infância.

## **ABSTRACT**

### **LETS PLAY OUT THERE? THE PHYSICAL EDUCATION IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION**

**AUTHOR:** Camila Loureiro dos Santos

**ADVISORS:** Camila Borges dos Santos e Cândice Moura Lorenzo

This paper presents a reflection and analysis on the role of Physical Education in kindergarten, seeking to understand the insertion of a physical education teacher in this context and possible interventions with children from 0 to 5 years. The research begins in the child's experiences of the author and the importance of these to her career choices. After this, proposes a number of restlessness about the physical education activities with children in early childhood education. In the data collection were performed records in videos and photographs of the activities with children, questionnaire with teachers of the institution and theoretical references relevant to the subject. In this context, it was noted that it is necessary to look for theoretical foundations in order to clarify the importance of physical education teacher to engage in a pedagogical purpose of this stage of education, considering that the experiences offered to children are not separated by disciplines and should prioritize the play and the movement. It was found that there are several bibliographies that address the issue of the movement in early childhood education, games, psicomotricity and motor development, but there is a shortage of materials that are able to understand the teaching practice in physical education classes to ensure the child's right to play and interact. The playing and the movement cannot be reduced as a pedagogical support for cognitive learning as literacy, or the development of skills that will be used in the future. After these reflections, it can be concluded that the pedagogical actions of a physical education teacher in early childhood education can contribute to the full development of the child, as she learns all the time, play all the time and moves all the time, but only if all this is allowed.

**KEYWORDS:** Child Education, Physical Education, Play, Movement, Childhood.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1</b> primeiras lembranças do brincar.....	10
<b>Imagem 2</b> lavando louça; no saco de papelão; com os irmãos; no beliche.....	11
<b>Imagem 3</b> explorando os espaços disponíveis no pátio, árvores, praia, dentro de casa.....	12
<b>Imagem 4</b> Rio Grande do Sul.....	12
<b>Imagem 5</b> Rio Grande - RS .....	12
<b>Imagem 6</b> banho de mangueira, de piscina e de praia.....	13
<b>Imagem 7</b> amigos de inverno e amigos de verão.....	13
<b>Imagem 8</b> Bosque Propriedade dos Escoteiros e Arroio Bolaxa.....	14
<b>Imagem 9</b> vivências de infância.....	15
<b>Imagem 10</b> turma de amigos em jogo de vôlei e baile de carnaval.....	16
<b>Imagem 11</b> infância e adolescência .....	17
<b>Imagem 12</b> voleibol e taekwondo.....	17
<b>Imagem 13</b> EMEI Deborah Thomé Sayão.....	24
<b>Imagem 14</b> tempo e espaço de ser criança.....	32
<b>Imagem 15</b> brincando com panos, prendedores e fantasias.....	35
<b>Imagem 16</b> brincar e se-movimentar.....	37
<b>Imagem 17</b> brincadeiras.....	38
<b>Imagem 18</b> as possibilidades do pano azul.....	39
<b>Imagem 19</b> explorando pneus, bolas, e espadas jornal com os amigos.....	40
<b>Imagem 20</b> brincar com pé-de-lata.....	42
<b>Imagem 21</b> mesma criança, novas experiências.....	43
<b>Imagem 22</b> brincadeiras diferentes com o mesmo material.....	44
<b>Imagem 23</b> experimentação da criança.....	47
<b>Imagem 24</b> interações e brincadeiras .....	49
<b>Imagem 25</b> (dispensa legenda).....	51



## SUMÁRIO

1. INFÂNCIA ENCANTADA.....	10
2. ENCONTROS: DEBORAH SAYÃO , “O ALQUIMISTA” E KUNZ.....	22
3. PERCURSO METODOLÓGICO.....	28
4. VAMOS BRINCAR LÁ FORA?!? A MAGIA DE ENTRAR NO MUNDO DA CRIANÇA .....	32
5. VER ESTRELAS .....	50
6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52

## 1. INFÂNCIA ENCANTADA!!!

*...Em noite de lua cheia, a gente sentava na areia  
Para ver se ouvia a sereia, entre as ondas cantando...  
E hoje eu volto ali, no lugar que eu vivi  
Onde nasci quando guri,  
Me olho lagoa em ti e me enxergo chorando...  
Coqueiro e figueira dos matos  
e a bela Lagoa dos Patos, Óh verdadeiro tesouro...  
(música "Lago verde azul" de Helmo de Freitas)*

Meu nome é Camila Loureiro dos Santos, e tive uma infância encantada!!! É assim que me sinto, e devo isso aos meus pais. Nasci na cidade de Rio Grande, no litoral sul do Estado do Rio Grande do Sul onde a Lagoa dos Patos encontra o mar, e lá fui uma criança que viveu plenamente a sua infância, pois brinquei muito e de muitas coisas. Sou a filha caçula, tenho uma irmã 4 anos mais velha e um irmão um ano mais velho.

Minhas primeiras lembranças envolvem brincadeiras com meus irmãos (Imagem 1), com o cachorro e com a comida deliciosa dele (sim! Eu comia a comida do cachorro na casinha dele!).

Imagem 1 – primeiras lembranças do brincar



Fonte: Fotos de arquivo pessoal

Brinquei muito de brincadeiras “de meninos”, como as de matar, polícia e ladrão, os brinquedos de “forte apache” com índios e soldados, bicicleta e correria na rua que era de areia.

Aliás, tínhamos poucos brinquedos, como éramos três crianças, ganhávamos brinquedos somente no natal, dia das crianças e no aniversário, mas eles eram como parte da família, cuidávamos muito deles para termos para sempre.

Sempre me divertia de alguma forma, podia ser com alguma coisa que encontrava, como um saco de papelão, lavando louça ou com minhas coisinhas.

Imagem 2 – lavando louça; no saco de papelão; com os irmãos; no beliche



*Fonte: Fotos de arquivo pessoal*

A cama era um beliche e normalmente virava castelo, ônibus, avião, casa e o que mais conseguíssemos imaginar e brincar. A presença dos meus irmãos foi muito marcante na minha infância.



Explorar os espaços brincando de motoca, subindo em árvore, sendo dona de casa, inventando brincadeiras com o que tinha disponível, era o que nos fazia feliz. Os cheiros e as lembranças dessas vivências são muito marcantes e emocionantes.

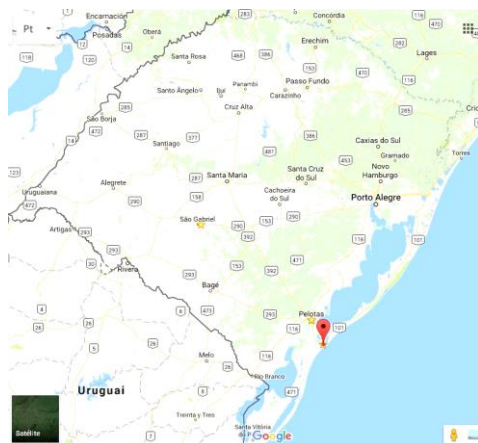
Imagem 3 – explorando os espaços disponíveis no pátio, árvores, praia, dentro de casa



Fonte: Fotos de arquivo pessoal

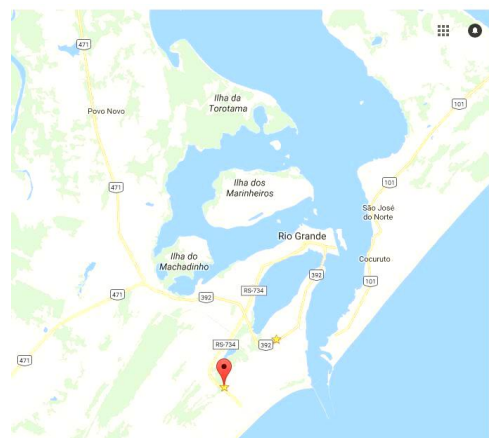
As vivências com a água foram momentos que marcaram esta fase da minha vida, já que a cidade em que cresci tem água por todos os lados, literalmente.

Imagem 4 – Rio Grande no RS



Fonte: Google Maps

Imagem 5 – Rio Grande no detalhe



Fonte: Google Maps



No verão era sagrado brincar de banho de mangueira, ir à praia, brincar na piscina, se banhar no arroio Bolaxa (é com x mesmo), e o mais marcante: fazer novos amigos no verão.

Imagem 6 – banho de mangueira, de piscina e de praia



*Fonte: Fotos de arquivo pessoal*

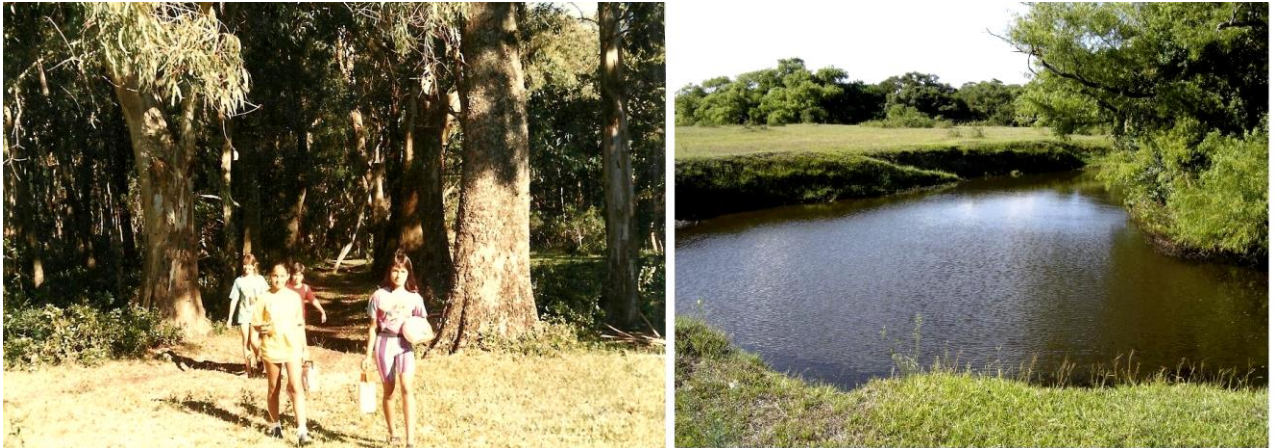
Quando fomos morar no bairro Bolaxa, que fica mais próximo da praia do que do centro, começamos a viver esta realidade: ter pouquíssimos amigos e vizinhos para brincar durante o ano e no verão conhecer muita gente e reencontrar os que já eram amigos.

Imagem 7 – amigos de inverno e casinha da árvore ao fundo. Alguns amigos de verão, campo e duna ao fundo.



Neste bairro tinha muitos campos e árvores, e o arroio Bolaxa, então saíamos para brincar livremente pela rua e quando começava a anoitecer o nosso pai dava um assovio estrondoso que ecoava pelos campos, ouvíamos de muito longe e corríamos para voltar pra casa.

Imagem 8 – Bosque Propriedade dos Escoteiros, e Arroio Bolaxa



*Fonte: Fotos de arquivo pessoal*

Muitas lembranças e vivências inesquecíveis (imagem 8) marcaram a minha infância neste lugar: a areia fina misturada com sabão em pó, as árvores, os vendavais, as poças d'água, os amigos de todas as cores e idades, os pátios das casas que não tinham morador no inverno e seus muros desafiadores, a duna gigante de areia no meio do campo, a casinha da árvore feita pelo meu pai onde cabiam vários amigos, o voleibol com redes de pesca presas em taquaras, a água límpida do arroio que quando transbordava passava na frente de casa inclusive com lambarizinhos, as fugas das vacas, a guerra de esterco, os cavalos soltos, as roupas rasgadas em arame farpado, as festas de São João com Fogueira no campo, as pipas nos vários dias de vento, os piqueniques no bosque, as deliciosas frutas roubadas das árvores dos vizinhos, os bailes de carnaval infantil, as visitas a lugares diferentes, os castelos de areia, a bicicleta com bagageiro para carregar alguém, as histórias de assombração e a lenda da mulher de branco que puxava os meninos para dentro do arroio...



Imagem 9 – vivências de infância



*Fonte: Fotos de arquivo pessoal*

Fomos crescendo e o grupo de amigos de verão tinha os fixos e os que iam e vinham, mas às vezes éramos mais de 20... jogávamos carta: um era o jogo detetive, em que um era o matador que piscava com um olho discretamente para matar as vítimas e o detetive tinha que descobrir quem estava piscando, e o outro jogo era “dorminhoco” que levávamos uma marca de rolha queimada no rosto quando perdíamos...

Ao começar a analisar todos estes momentos vividos na minha infância, me remeto às colocações de Mattos e Neira (2008, p.2) quando descrevem as suas primeiras relações com as manifestações do movimento, com o jogo, com o lúdico e

com o pedagógico, afirmando que estas vivências são uma forma de aprender “sem dor, sem sofrimento, sem repetição” e são construtoras de muitos conhecimentos:

A rua, então, transformava-se em uma espécie de parque, de pátio escolar. Ali se ensinava e se aprendia, os professores eram os garotos mais velhos, donos da malícia e da experiência, conhecedores das artimanhas de brincar jogar e, quase sempre vencer. Nós, os menores, talvez no lugar de discípulos, acompanhávamos os mestres daquela arte, sabendo que em breve, estaríamos ensinando aos outros, ainda mais jovens. Admirados olhávamos e imitávamos, aprendíamos inúmeras brincadeiras, suas técnicas e seus segredos: a pedra mais achatada para o jogo de amarelinha, os lugares secretos para o esconde-esconde, a vareta do bambu mais resistente para a confecção “dos” pipas. No espaço pedagógico da rua, eram esquecidos os padrões externos, a seriedade, a formalização. Ludicamente, assimilávamos aquela quantidade infinita de regras, valores, comportamentos e conhecimentos. (Mattos e Neira, 2008)

Então fomos crescendo, a piscada do jogo detetive já era com outras intenções, e rezávamos para dar “rolhada” no menino que estávamos apaixonadas...

Imagem 10 – Turma de amigos em Jogo de vôlei (1988) e baile de carnaval (1991)



*Fonte: Fotos de arquivo pessoal*

Lembro-me de quase entrar em crise, já que eu não entendia porque já não era prazeroso brincar, e por muito tempo tive que manter meus brinquedos sempre perto de mim no meu quarto (imagem 10), pois por mais que fosse necessário, me incomodou muito ter que deixar de ser criança, eu queria continuar brincando mas não conseguia mais gostar, nem ver sentido em brincar ...



Imagem 11 – infância e adolescência



*Fonte: Fotos de arquivo pessoal*

Neste tempo nossas diversões foram ficando diferentes, queríamos “pegar onda”, cantar na roda de violão, fazer reuniões dançantes na garagem com música lenta, mas ainda jogávamos carta e vôlei, íamos à praia e depois passeávamos à noite na avenida movimentadíssima... Crescemos muito rápido, nossa família se mudou para Sapucaia do Sul na Grande Porto Alegre e depois para Ijuí, os amigos ficaram longe, mas descobri minha paixão por artes marciais, e por outros esportes, e acredito que esta foi a forma que encontrei de continuar brincando.

Imagem 12 – voleibol e taekwondo



*Fonte: Fotos de arquivo pessoal*

Então, foram assim as minhas “primeiras relações com as mais diversas formas do movimento, com o jogo, com o lúdico” e com a vontade de ensinar e aprender. As vivências que tive na infância, certamente determinaram as escolhas que fiz enquanto profissional, desde o magistério até o final da faculdade, quando decidi optar por estes cursos, e a Educação Infantil como a etapa da educação em que decidi trabalhar.

Quando fui morar em Ijuí, minha mãe me matriculou no Curso com Habilitação em Magistério (em nível de ensino médio) da Escola Estadual Guilherme Clemente Koehler, já que desde muito pequena eu dava inúmeras aulas para minhas bonecas e demonstrava interesse em ser professora. Este curso estava no segundo ano da sua existência, e quase metade de nossos professores e professoras davam aula também na Universidade de nossa cidade, a UNIJUI. Lembro de nossas professoras comentarem que utilizavam as mesmas bibliografias no Curso de Pedagogia na UNIJUI, e demonstravam muita dedicação e empenho para que tivéssemos a melhor formação possível, pois queriam formar profissionais competentes. Concluímos o curso no final do ano de 1995 numa turma com mais de 60 formandas.

No ano seguinte, em 1996, entrei para a Universidade para cursar Licenciatura e Bacharelado em Educação Física, já que desde criança sempre estive envolvida com a prática de esportes como natação, bodyboard, vôlei, taekwondo e outros. Reencontrei muitos dos professores do Curso de Magistério na Universidade.

Três anos depois, em 1999, fui nomeada na Prefeitura Municipal de Ijuí, no concurso para Professora de Pré-escola (4-6 anos), sendo designada para trabalhar no Instituto Municipal de Ensino Assis Brasil (chamamos de IMEAB) onde lecionei e me apaixonei todos os dias durante 16 anos.

Chegando próximo ao final do Curso de Educação Física, tinha que decidir o tema para minha pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso, eu estava certa de que faria sobre algo relacionado à Educação Infantil, porque naquele momento talvez fosse mais fácil para mim, pois já atuava nesta área e eu tinha uma grande atração por estudar mais sobre esta etapa. No entanto, na hora de fazer a entrevista com a professora, minha paixão por artes marciais e os problemas e conflitos no ensino do taekwondo falaram mais alto e pedi para entregar o projeto de estudo no outro dia, pois não faria mais sobre Educação Infantil e sim sobre Taekwondo.

Nosso trabalho de conclusão de curso envolveu a pesquisa escrita e também a apresentação oral para uma banca com três professores da Universidade. Apesar do meu professor orientador ser argentino, muito exigente e me fornecer bibliografias somente em espanhol, fui a segunda aluna a tirar nota 10, nos 10 anos de existência do Curso de Educação Física da Unijui. Nesta fase agradei muito ao Curso de Magistério, por ter oferecido espanhol em nosso currículo. Agradei muito também por ter a oportunidade de ter um professor que ninguém queria como

orientador, pois era muito exigente, mas desta forma me ajudou a fazer um ótimo trabalho e por isso tenho certeza que minha nota foi merecida. Depois de terminar o meu trabalho e colocar o ponto final, fiquei com a sensação de que eu poderia começar de novo e fazê-lo muito melhor, pois eu já não era mais a mesma pessoa que escreveu a primeira frase daquele trabalho, já que eu havia amadurecido muito nesta jornada.

Nossa formatura foi em abril de 2002, e no mesmo ano seria oferecido o Curso de Pós Graduação em Educação Física Escolar, no entanto o curso não foi iniciado pois éramos apenas 6 inscritos. No ano seguinte surgiu a oportunidade de fazer Pós Graduação em Educação Infantil na Unopar, com aulas virtuais. Me inscrevi e consegui autorização para frequentar as aulas, já que seriam nas sextas-feiras à tarde, durante meu horário de trabalho. No entanto, tivemos apenas uma aula e na segunda já fomos informadas que o curso seria cancelado pois éramos somente 5 alunas em Ijuí e nos outros pólos também haviam poucos. Ofereceram-nos a oportunidade de frequentar o curso de Pós Graduação em Gestão e Organização da Escola, que era oferecido a noite, e foi isso que fiz, mesmo sem me identificar com este curso.

Minha paixão sempre foi a educação física, mas quando penso em escola, não me imagino dando aula para os alunos maiores, nem em outros cargos como coordenação e direção. O que eu amo é dar aula para a educação infantil! Já havia recebido convites para assumir outros cargos e tive oportunidades para fazer concurso para a Educação Física, mas não me imaginaria atuando em outra área que não seja com meus amados alunos da educação infantil. Sinto-me feliz e segura em proporcionar momentos em que meus alunos possam explorar e se desenvolver através do movimento. Mas sinto necessidade de estudar e pesquisar mais sobre a educação infantil na realidade atual. Tinha saudades de estudar, frequentando aula, tendo professores e sendo aluna. Participar deste curso foi importante para aprofundar meus conhecimentos, refletir sobre minhas práticas, ampliar as possibilidades do meu trabalho pedagógico, pesquisar, ler e escrever.

Juntamente comigo, em 1999, foram nomeadas as primeiras professoras de Educação Infantil para as Escolas e Creches públicas do Município de Ijuí, e ao longo destes 16 anos, tivemos muitas conquistas dentro da nossa escola e também na Rede Municipal. No início recebíamos 8 horas extras por mês para planejarmos o trabalho e estudar com as colegas da mesma série. Em 2002, 4 horas de

planejamento semanal foram incluídas dentro da carga horária de 20 horas, ou seja, 4 dias ficávamos com a turma e um dia planejávamos com as colegas, e os alunos eram atendidos por outras professoras que desenvolviam atividades com eles. Foram também organizados pela Secretaria de Educação, um encontro por mês com todas as professoras do município por série, no dia do planejamento. Isso foi muito importante para fazermos trocas de experiências com as colegas da mesma série de outras escolas do município e ampliar a formação continuada, melhorando assim a qualidade da educação infantil em nosso município. Desde 2012, já tínhamos garantido o direito de 1/3 da carga horária para o planejamento e formação continuada.

Durante este tempo que trabalho no Município de Ijuí, na Educação Infantil – pré-escola, participei da elaboração da Proposta Municipal para a Educação Infantil concluída e publicada em 2008 pela Secretaria de Educação do Município de Ijuí, e também participei do grupo de estudos que organizou e ampliou a nova proposta que foi publicada em 2014.

Por motivos pessoais, precisei voltar a morar em Rio Grande, então no final de 2014, me inscrevi para o concurso de Professora de Educação Infantil (nível médio – Habilitação Magistério) e Professora de Educação Física para Educação Infantil e Séries Iniciais (nível superior – Licenciatura em Educação Física) para a Prefeitura Municipal do Rio Grande. Quando vi a opção de Educação Física na Educação Infantil parecia um sonho, pois foram anos de espera por esta oportunidade. Eis que então eu passo em primeiro lugar para Professora de Educação Infantil e em segundo lugar para Professora de Educação Física, sendo nomeada para os dois concursos dia 04 de março de 2015. Sim, foi durante este curso, e são 550 km de distancia de Ijuí à Rio Grande. No entanto, estar participando desta pós graduação foi o que me deu forças e embasamento teórico para enfrentar todos os novos desafios que estavam por vir.

Então voltei a morar em Rio Grande e comecei a trabalhar em uma Escola Municipal de Educação Infantil como professora de pré-escola pela manhã e professora de Educação Física para todas as turmas do turno da tarde.

A professora Deborah Sayão afirma que “é preciso perceber que todos nós também fomos crianças um dia, e quando atuamos como docentes, nossas experiências infantis estão presentes nas nossas memórias e se expressam das mais diferentes formas” (2002, p. 50). Por isso acredito minha “infância encantada”

foi fundamental nas minhas escolhas profissionais, principalmente no fato de estar desenvolvendo meu trabalho com crianças que vivem hoje a sua infância. Me parece que meus pais fizeram um esforço muito grande para que minha infância tenha sido significativa assim, e eu, com uma formação que está sendo construída há todo este tempo, vejo que o meu trabalho e esforço também devem estar focados em proporcionar uma “infância encantada” para meus alunos, pois é importante garantir que pelo menos na escola eles tenham tempos e espaços para viver os seus momentos de “ser criança”, através das interações e das brincadeiras articuladas por nós, educadores. Por isso, quando chego numa sala de aula abro a porta e digo: “oiê, vamos brincar lá fora ?!?” então eu vejo estrelas saltando de olhos, bocas, braços e pernas.

## 2. ENCONTROS: DEBORAH SAYÃO , “O ALQUIMISTA” E KUNZ

Li o livro “O alquimista” do escritor Paulo Coelho no período em que estava cursando a graduação. Este livro conta a história de Santiago, um jovem pastor que percorre os vales da Espanha, com as suas ovelhas, e numa noite em que estava dormindo numa igreja ele sonha com um tesouro localizado próximo das pirâmides do Egito. Logo este sonho se repetiu em outras noites. Primeiramente, ele ignora este sonho e volta à vida normal até encontrar um velho rei, na cidade de Tarifa. O velho rei fala com ele e diz-lhe para seguir a sua lenda pessoal. E Santiago vende tudo o que tem para ir à procura do seu tesouro. Ele vive muitas aventuras e desventuras, e quando finalmente encontra o lugar que sonhou onde estaria o tesouro e começa a cavar, chegam três homens sinistros querendo roubar o que tinha e o que estava procurando. Após ser espancado, Santiago resolve lhes contar o sonho que teve e todas as suas aventuras, até que um dos homens lhe diz antes de deixá-lo à sua sorte: “Ah, então continue a procurar. Eu sonhei várias vezes que numa igreja na Espanha havia um tesouro perdido, mas não sou estúpido para cruzar um deserto só porque tive um sonho repetido”.

Algumas vezes nos aventuramos e saímos em busca de nossos tesouros, porém somente nossas caminhadas, descobertas e experiências nos fazem perceber que eles estavam ao nosso lado.

No início deste ano, pensando nas leituras que deveria fazer, fiz a busca online do que acreditava que poderia contribuir na minha pesquisa e encomendei alguns livros. Alguns demorariam até dois meses para chegar. Assim que chegavam, já começava a lê-los. Passado o prazo das entregas, percebi que faltou um. Dois livros tinham o mesmo nome, “Educação Física na Educação Infantil”, mas de autores diferentes, o que gerou uma confusão na entrega dos pedidos. Seria fácil de resolver, porém o livro que faltou, estava indisponível na livraria e haveria uma demora para consegui-lo ou eu poderia solicitar a devolução do meu dinheiro. Eu disse que precisava muito do livro para um trabalho de pós-graduação mesmo sem saber o conteúdo e ou se realmente iria contribuir na minha pesquisa. Então resolvi aguardar sem esperanças, pois já havia pesquisado em outras livrarias e não havia este item disponível. O livro chegou em meados de julho.

Ao começar a minha leitura já percebi que este livro era significativamente diferente, pois não se preocupava em esclarecer sobre o que as crianças da

Educação Infantil poderiam aprender e se desenvolver com as aulas de Educação Física, mas sobre o que a Educação Física tem a aprender e a se desenvolver com a Educação Infantil e suas crianças. Então, logo me deparei com uma citação de Sayão. Me senti como se estivesse no Egito, como Santiago, me deparando com a descoberta de onde estava meu tesouro, pois sabia de quem era o nome e de quem se tratava.

No início deste trabalho, ao contar sobre minha infância, me refiro a um arroio que fica próximo à minha casa, onde desde março de 2015 voltei a morar. Ao redor deste arroio fica uma área de preservação ambiental, que hoje se chama Parque Urbano do Bolaxa. Ao lado (praticamente dentro) foi construída uma escola do Proinfância, inaugurada em 22 de fevereiro de 2016. Seu nome “Escola Municipal de Educação Infantil Professora Deborah Thomé Sayão”.

Eu já havia lido os panfletos da inauguração da Escola onde contava a história da Professora Deborah e suas contribuições na área da Educação Física na Educação Infantil que se iniciaram aqui no município de Rio Grande, porém eu não havia entrado em contato com o seu trabalho até me deparar com o nome dela na citação do último livro que estava lendo.

Deborah Thomé Sayão foi professora das Universidades Federais de Rio Grande (FURG) e de Santa Catarina (UFSC). licenciou-se em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas, onde também especializou-se em Ginástica Escolar, e concluiu o mestrado e o doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação da UFSC. Se foi na FURG que ela iniciou suas promissoras pesquisas, aliadas a um intenso trabalho de ensino e extensão, nos campos da Educação Física e da Educação Infantil, foi com sua mudança para a UFSC, tanto para atuar no Departamento de Metodologia de Ensino, quanto para cursar o doutorado, em 2000, que Deborah consolidou uma maneira de pensar a infância, seus cuidados e sua educação, por meio corpo e suas expressões. Pesquisando, escrevendo e publicando, lecionando, orientando e atuando na formação de professores e professoras, ela foi a personagem fundamental de um diálogo entre a Educação Física e a Pedagogia da Infância, com ganhos para ambas. Deborah faleceu, vítima de câncer, em oito de março de 2006. Deixou uma série de caminhos abertos ao estudo da infância, do corpo, da formação de educadores e educadoras, com idéias sempre arejadas pelo intenso debate com as Humanidades, em especial com os estudos de gênero, e vincadas na prática pedagógica. Um legado nada desprezível para uma vida tão curta. (Sayão, nota de rodapé p.1, 2008)

Seu trabalho foi de grande importância, e até mesmo depois do seu falecimento seus textos continuaram sendo publicados, como o que estava a nota de rodapé citada acima.

A professora Deborah, ingressou em 1984 na Universidade Federal de Pelotas (UFPe) e na FURG em 1991, onde se aposentou em 2004. Na FURG, foi uma das idealizadoras e fundadoras do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação de zero a seis anos (Nepe), que este ano completa 20 anos. O Núcleo surgiu com o objetivo de contribuir de forma efetiva para a melhoria da qualidade da educação infantil em Rio Grande e municípios vizinhos. É vinculado ao Instituto de Educação da FURG e cadastrado no CNPq, desde 1996. O Nepe



desenvolve ações para auxiliar no debate e no aprofundamento de temáticas relativas às infâncias e à Educação Infantil. (Silveira, 2016)

Os textos da Professora Deborah foram essenciais para a elaboração deste trabalho, e é mais um motivo para que eu fique encantada em ter crescido e vivido os melhores momentos da minha infância no lugar onde hoje existe uma Escola que leva o seu nome.

Imagem 13 – EMEI Deborah Thomé Sayão



*Fonte: Fotos de arquivo pessoal*

Parece que meu caminho foi desenhado com carinho, pois não consigo chamar toda esta história de “coincidência”. Neste mesmo caminho, outro fato curioso, foi que no meu primeiro ano de trabalho, em 1999 em Ijuí, eu tive uma colega professora chamada Noeli Kunz. Ela estava há poucos anos de se aposentar e eu estava cursando a graduação de Educação Física. Sempre me contava que tinha um irmão professor de Educação Física e que ele já havia escrito alguns livros publicados pela Editora Unijuí, porém já teria ido embora para Florianópolis. Eu pegava carona praticamente todos os dias com Noeli, e eu sempre dizia que um dia queria conhecer seu irmão. Então, eis aqui, também neste trabalho, o meu encontro com o professor Dr. Elenor Kunz.

Quando segurei nas minhas mãos o livro em que é organizador e autor, me senti novamente como Santiago ao descobrir que seu tesouro esteve sempre por perto. As idéias do Dr. Kunz foram fundamentais para este trabalho, na defesa de um “brincar e movimentar-se” livre para o aqui e agora. Portanto, devo confessar que este livro me foi dado pela professora da Unijuí Eulália Marin em 2015. Eu já



havia começado a lê-lo, no entanto não via muito sentido nas suas afirmações, por isso parei de ler e direcionei minhas leituras para outro lado. Acredito que somente a ampliação da visão que a professora Deborah Sayão me proporcionou com seus textos, me permitiu enxergar e ver sentido no que estava escrito no livro “Brincar e movimentar-se” organizado por Kunz em 2015.

Todas essas percepções foram possíveis porque a formação continuada para professores é algo que realmente traz resultados. Desta forma, comprova-se que formações como o Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, oferecido pela Universidade Federal de Santa Maria (Rio Grande do Sul) à professores que atuam nas instituições da rede pública de ensino, vem a constituir-se num espaço e tempo essencial para aprofundar e ampliar os estudos, análises e reflexões acerca das práticas realizadas com crianças entre 0 e 5 anos.

A Educação Infantil foi criada como etapa da Educação Básica no Brasil em 1996, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e desde então “vive um intenso processo de revisão de concepções sobre educação de crianças em espaços coletivos, e de seleção e fortalecimento de práticas pedagógicas mediadoras de aprendizagens e do desenvolvimento das crianças” (Brasil, 2010, p.7). Imagino o quão precárias seriam as nossas ações pedagógicas, se não tivéssemos espaço e tempo para refletirmos e discutirmos sobre elas, mesmo que o acesso à formações ainda seja realidade para uma minoria da categoria.

Baseando-se inicialmente a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2010), em que as práticas pedagógicas devem ter como eixos norteadores as *interações* e *brincadeiras* e devem garantir diversas vivências que promovam o conhecimento de si e do mundo, e entre elas “a ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança”, que o presente trabalho monográfico constitui-se numa investigação e reflexão sobre o papel das aulas Educação Física e do professor licenciado nesta área atuante dentro das instituições de Educação Infantil.

A licenciatura e bacharelado em Educação Física proporciona aos profissionais várias opções ao escolher a área em que desejam trabalhar, já que o graduado está capacitado para atuar em clubes, escolas, personal training, academias, empresas, centros de treinamento, federações, entre outros. No entanto, mesmo desde a consolidação da Educação Infantil como parte da Educação Básica

a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1996, apenas uma pequena parcela dos profissionais de Educação Física se dedica a atuar nesta área.

Levando em consideração o meu encantamento por crianças pequenas e a oportunidade conquistada ao prestar o concurso em 2014, me tornei professora de Educação Física optando em atuar na Educação Infantil desde março de 2015. No município de Rio Grande ainda sou a única professora de Educação Física a trabalhar em Escola Municipal de Educação Infantil, já que os outros colegas nomeados pelo mesmo concurso optaram por trabalhar em Escolas de Ensino Fundamental. Juntamente com este novo trabalho vieram muitas inquietações sobre as aulas de educação física na educação infantil, pois ser professora da turma durante toda a semana e incluir dentro do trabalho momentos que envolvem movimento é uma situação, e entrar em quatro ou cinco salas numa tarde para ficar 40 minutos com cada turma, duas vezes por semana, é outra situação bem diferente. E hoje, vivendo essa rotina diariamente, surge a necessidade de fazer uma reflexão mais aprofundada sobre estas inquietações.

Voltar a estudar numa instituição conceituada como a Universidade Federal de Santa Maria, ampliou minha formação, contribuindo conseqüentemente para uma melhora na qualidade da minha atuação como professora em sala de aula; nas atividades desenvolvidas na escola; na interação com colegas, alunos e famílias, ou seja, em todas as atividades que estou envolvida como profissional da educação.

Com este trabalho espero analisar, refletir e ampliar meu repertório de respostas e de perguntas sobre o papel da Educação Física na Educação Infantil.

Considerando que fui professora de Educação Infantil por 17 anos, e desde março de 2015 sou professora também de Educação Física na Educação Infantil, sinto a necessidade de verificar, analisar e refletir se: **As aulas de Educação Física interferem nas aprendizagens das crianças da Educação Infantil?**

Então, a partir desta indagação surgem outras dúvidas:

- O que as aulas de educação física devem considerar para que as crianças vivenciem através do movimento, experiências que promovam o conhecimento de si e do mundo?
- Precisa ser um professor de educação física para que as crianças tenham estas experiências?

- Por que algumas prefeituras estão abrindo concurso e nomeando professores com licenciatura em Educação Física para trabalhar nas Escolas de Educação Infantil?

- Qual a formação dos Pedagogos em relação aos conhecimentos acerca do movimento e desenvolvimento motor das crianças? Qual o tempo da rotina que o professor dedica a desenvolver estas capacidades em seus alunos quando não se tem um professor de Educação Física na escola?

- Quais os espaços da escola pensados para atividades de movimento? Quais os materiais que a escola dispõe ou deveria dispor?

Me parece que quanto mais aprendemos, mais percebemos o quão pequenos somos. Uma resposta é dada, mas muitas outras perguntas surgem.

### 3. PERCURSO METODOLÓGICO

Trabalhar numa Escola de Educação Infantil atuando como professora regente em um turno e em outro, como professora de Educação Física para todas as turmas, me remete a muitas reflexões. Na tentativa de fazer um trabalho de qualidade, sinto necessidade buscar respostas e fundamentações teóricas para o que eu acredito ser importante considerar.

Penso que investigar sobre a “Educação Física na Educação Infantil” seja uma forma importante de compreender este contexto existente na escola. Neste sentido, a forma de investigação escolhida para este trabalho foi a “pesquisa de estudo de caso”, que se define segundo Creswell (2014, p.86) como “uma abordagem qualitativa na qual o investigador explora um sistema delimitado contemporâneo da vida real”.

Kramer (1989, apud Sayão 1999, p.224) entende que “as atividades de artes, música e educação física são parte integrante do currículo não se justificando a presença de ‘especialistas o que frequentemente acaba por fragmentar o trabalho pedagógico”. No entanto esta realidade está mudando, e acredito que também por estímulo da lei nº 11.738 (Brasil, 2008), que define o Piso Nacional dos Professores e determina que “na composição da jornada de trabalho, observar-se-á o limite máximo de 2/3 (dois terços) da carga horária para o desempenho das atividades de interação com os educandos” abriu-se a oportunidade da inserção de “especialistas” na educação infantil, já que surgiu a necessidade de se ter mais profissionais para atender uma mesma turma.

A questão levantada por Soares (1990, apud Sayão 1999, p. 225) é que “é preciso examinar atentamente o que fundamenta cada disciplina curricular e o porquê de sua existência: é preciso captar o que a definiu como tal, e a que necessidade pedagógica veio atender”. Desta forma, percebe-se que ao estar presente no ambiente em que todas estas situações de conflito começam a emergir, a investigação e análise deste contexto podem e devem ser compreendidas de uma forma mais aprofundada.

Neste sentido, o enfoque na pesquisa de estudo de caso é válida, pois sua intenção é entender uma questão, um problema ou uma preocupação específica (CRESWELL, 2014, p. 87). Desta forma, o caso nesta pesquisa é “o contexto em

que as aulas de Educação Física estão inseridas na Escola de Educação Infantil Castelo Branco”.

A instituição em questão foi escolhida, já que por enquanto é a única escola de educação infantil na rede pública municipal a ter um professor de educação física concursado atuando com as crianças. No entanto, é importante esclarecer que por enquanto, apenas o turno da tarde tem aulas de educação física<sup>1</sup>.

Segundo Creswell (2014) uma pesquisa deve se utilizar múltiplas fontes de informação, como por exemplo, observações, entrevistas, material audiovisual documentos entre outros. Desta forma, pensando nas análises a serem feitas a respeito deste trabalho, desde o início da minha atuação nesta escola, foram feitos registros em fotos e vídeos das interações com as crianças, o que constituiu-se numa fonte de dados fundamental para as observações e reflexões a serem realizadas.

Outro instrumento metodológico escolhido para as investigações, foi o questionário realizado com algumas professoras da escola em questão. A princípio, eu havia pensado em entrevistas gravadas em áudio, no entanto as professoras sentiram-se um pouco resistentes e acanhadas diante desta opção e perguntaram se não poderiam somente escrever. Como o estudo do caso não teria o enfoque nas práticas destas professoras, aceitei a decisão delas. No entanto, apesar de não se tratar das suas práticas, as suas visões e opiniões foram de suma importância para entender o contexto em que a educação física se inseriu.

Acredito que concepções são formadas pelas vivências dos sujeitos, por suas fundamentações teóricas e também pelo senso comum. As professoras que trabalham nesta escola, na sua maioria pedagogas, são peças fundamentais na construção da proposta pedagógica da instituição e das concepções que a escola tem como princípios, por isso, o que pensam e o que acreditam são importantes fontes para esta pesquisa.

Para este trabalho, foram escolhidas quatro professoras. Duas professoras do turno da manhã, em que as turmas não interagem com professor de educação física, e duas professoras do turno da tarde, em que as turmas têm este professor em seu tempo. Estas escolhas também tentaram abranger professoras de turmas de

---

<sup>1</sup> Neste caso, entenda-se como aula de educação física o momento em que uma turma fica sobre a regência de outro professor, no caso o de educação física.

diferentes idades. Utilizou-se nomes fictícios para preservar a identidade das professoras participantes.

O questionário abaixo foi entregue às professoras para que respondessem de forma escrita sendo opcional a sua identificação, e desta forma tiveram a liberdade de expressar suas idéias de forma anônima. O modelo da entrevista segue abaixo:

<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA Especialização em Docência na Educação Infantil Trabalho de Conclusão de Curso: VAMOS BRINCAR LÁ FORA?! A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL CAMILA LOUREIRO DOS SANTOS Professoras Orientadoras: Camila Borges e Cândice Lorenzoni</p> <p>.....</p> <p>Queridas Professoras</p> <p>O objetivo principal desta pesquisa é refletir se “as aulas de educação física interferem nas aprendizagens das crianças da educação infantil”... porém outras questões também envolvem esta reflexão, por isso gostaria da sua participação respondendo as questões abaixo, pois acredito que suas experiências com certeza irão contribuir para que eu possa ampliar minhas possibilidades de estudos e reflexões acerca deste tema. Seus dados pessoais serão mantidos em sigilo.</p> <p>Nome (opcional):.....</p> <p>Formação no Ensino Médio: .....</p> <p>Formação no Ensino Superior:</p> <p>Graduação:.....</p> <p>Especialização (Pós – graduação) .....</p> <p>Mestrado:.....</p> <p>Doutorado:.....</p> <p>1 – O que você pensa sobre a Educação Física na Educação Infantil? .....</p> <p>2 - Durante a sua formação em houve estudo sobre as questões acerca do movimento, do desenvolvimento motor, e as atividades motoras adequadas para as crianças da faixa etária em que você trabalha? .....</p> <p>3 – Existe professor específico de Educação Física que trabalha com a sua turma? Se existe, você percebeu mudanças na sua turma e na sua rotina de professor com estas aulas? Quais mudanças? --- Se não existe, você gostaria de fazer algum comentário? .....</p> <p>4 – Você acredita que precisa ser um professor de educação física para que as crianças vivenciem através do movimento, experiências que promovam o conhecimento de si e do mundo, considerando as características da fase de desenvolvimento motor em que se encontram? Por quê? .....</p> <p>5 – Você dedica algum tempo da sua rotina da semana com as crianças para desenvolver atividades de vivências através do movimento? Com qual frequência? .....</p> <p>6 - Quais os espaços da escola pensados para atividades de movimento? Quais os materiais que a escola dispõe para estas atividades? Quais materiais e espaços você gostaria que sua escola tivesse para estas atividades? .....</p> <p>Caso queira fazer mais algum comentário, por favor escreva no verso. Obrigada!!!</p>
--

As colaboradoras desta pesquisa se identificam da seguinte forma:

- Professora Ruth: é Pedagoga e Especialista em Atendimento Educacional Especializado. É responsável por uma turma de maternal de turno integral, que tem crianças entre 2 e 3 anos de idade. Esta turma é atendida por professor de educação Física no turno da tarde.

- Professora Flora: também é Pedagoga e cursa Psicologia. Sua turma é de alunos entre 3 e 4 anos de idade, e eles não interagem com professor de Educação Física.

- Professora Jade: é Pedagoga e Especialista em Neuropsicopedagogia. A turma em que atua é de crianças entre 4 e 5 anos de idade, e também não tem professor de Educação Física.

- Professora Pilar é Pedagoga e Especialista em Orientação Educacional. É responsável por uma turma de crianças entre 5 e 6 anos pela manhã, turno em que não se tem professor de educação física, e por uma turma com crianças entre 4 e 5 anos à tarde.

Os dados construídos serviram de base para o levantamento de idéias e hipóteses, ou seja, foi feita uma análise e reflexão a partir dos questionários, das observações e dos registros de imagens, buscando um embasamento teórico-metodológico para as experiências e as práticas que envolvem o cotidiano de trabalho na educação infantil em relação às experiências sensoriais, expressivas e corporais das crianças, vividas nos ambientes educativos da creche e pré-escola.

#### 4. VAMOS BRINCAR LÁ FORA?!? A MAGIA DE ENTRAR NO MUNDO DA CRIANÇA

*Não descansamos simplesmente,  
nós o fazemos com o propósito de recuperar energia,  
não comemos simplesmente,  
ingerimos alimentos nutritivos,  
não brincamos simplesmente com nossas crianças,  
nós as preparamos para o futuro...  
não mais sabemos viver o momento em si;  
estamos perdendo a nossa sensibilidade  
para o presente nossas vidas...  
(Staviski e Kunz, p 46, 2015)*

Ao refletir sobre as aulas de Educação Física na Educação Infantil, e buscar fundamentações teóricas para o assunto é importante ressaltar que a finalidade desta etapa da Educação Básica é “promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 à 5 anos” (Brasil, 2010). Considerando isto, não podemos pensar que uma aula de educação física deve atender somente aos seus objetivos específicos como uma disciplina que se inseriu na educação infantil, trazendo todas as suas especificidades para dentro desta etapa. Mas sim, que o momento em que o professor de Educação Física entra no “tempo e espaço” de um grupo de crianças de uma escola de educação infantil, ele estará se inserindo no mundo delas, no espaço delas e no tempo delas, sendo mais um dos profissionais a ter a oportunidade de contribuir e de acompanhá-las nas suas jornadas (imagem 14) de descobertas de si e do mundo.

Imagem 14 – tempo e espaço de ser criança



Fonte: Foto de arquivo profissional



Desta forma, é importante ressaltar que, mesmo que na rotina de uma escola de educação infantil, esteja inserido um momento em que outro profissional entre no ambiente e interaja com as crianças, isto não deve se concretizar como uma forma de distribuir o tempo em disciplinas. Conforme afirma Sayão (p.233-234, 1999):

O currículo da educação infantil precisa contemplar as formas de manifestação características da criança de 0 a 6 anos de idade, privilegiando as diferentes linguagens que se externam através da oralidade, dramaticidade, leitura, escrita, musicalidade, corporeidade, gestualidade... Essas formas de expressão, vividas e percebidas pelo brincar, representam a totalidade do “ser criança” e precisariam estar garantidas na organização curricular da sua educação... e não enquadradas em áreas do conhecimento alocadas em disciplinas.

A Lei 9394/96 em seu artigo 26 determina que “educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica” (Brasil, 1996). Neste sentido, entende-se que a educação física é obrigatória sim, mas ao estar integrada a uma proposta pedagógica construída pela escola de educação infantil, é necessário refletir sobre como ela irá contribuir para o desenvolvimento integral da criança, e não como as crianças farão para se desenvolver na disciplina de educação física durante o tempo que estiverem na educação infantil.

Klippel e Mello (2012) acreditam que a Educação Física, apesar de já ter conquistado seu espaço na Educação Infantil por força da Lei, ainda falta-lhe uma “definição teórico-didático-metodológica para que ocorra também a sua legitimação pedagógica”, e destacam que muitos autores tem se preocupado em tratar das relações da Educação Física com a infância, porém ainda existe uma carência de materiais capazes de “compreender a prática pedagógica que é desenvolvida na escola, com seus desafios e suas possibilidades, suas características e suas especificidades”.

Assim, apesar de haver um corpo acumulado de publicações, a educação física na educação infantil ainda é uma área incipiente no tocante às pesquisas produzidas no cotidiano escolar e os professores ainda carecem de referências para fundamentar sua prática pedagógica. a maioria das pesquisas publicadas não atende as demandas advindas da prática, porque não tratam de uma educação física que acontece na prática(...) De fato essa produção é importante, na medida em que a educação física na educação infantil necessita ser universalizada, mas também é insuficiente, porque desconsidera que ela já está presente e tem uma produção prática, isto é, que existem professores como uma atuação que merece ser evidenciada e até mesmo questionada, mas tomando com referência o próprio contexto no qual foi empreendida. (KLIPPEL e MELLO, p.32, 2012)

Sendo assim percebe-se que a educação física na educação infantil, na sua prática dentro da escola ainda é pouco fundamentada. Consequentemente, os

outros profissionais que atuam nesta etapa do ensino, podem não perceber os reais objetivos do professor de educação física na interação com as crianças da educação infantil, acreditando que este momento deva acontecer da mesma maneira que se aplica nas outras etapas de ensino ou de forma que o movimento seja utilizado como suporte pedagógico para as aprendizagens cognitivas, como a alfabetização por exemplo.

Um pouco desta concepção também se expressa nas idéias da professora Flora quando afirma que

*a educação física é tão fundamental quanto às demais propostas para educação infantil, uma vez que ela contribui como a vida diária da escola, seja com relação ao desenvolvimento infantil, ou em relação ao comportamento. Porém também, penso que a educação física favorece a exploração do macroespaço do ambiente escolar, que poucas vezes é utilizado pelo regente da turma por falta de conhecimentos, que ao meu entender é condizente com a atuação da educação física por ter mais propriedade de explorar grandes espaços. (C.Q., p.1)*

Da mesma maneira, a professora Jade, acredita que a educação física sirva como recurso para ajudar em outras aprendizagens, pois segundo ela *“a educação física para a educação infantil é importante, pois desenvolve habilidades motoras, que contribuem muito em toda a vida do educando, principalmente no processo de alfabetização”* (C.Q., p. 3).

Percebo que essa visão da educação física, deva-se ao fato de que existem poucos estudos fundamentados e registros, oriundos de situações concretas de ensino-aprendizagem provenientes de realidades em que existe um profissional desta área atuando nesta etapa da educação básica. Os autores Mello, Votre, Santos, Rodrigues e Rosa (2015, p.93) constatam isto quando observam que

apesar das contribuições de estudos teórico-descritivos, são tímidas as pesquisas que sinalizam as possibilidades de atuação profissional, sobretudo as que se caracterizam como estudos com o cotidiano. O estudo com o cotidiano possibilita produzir, de forma colaborativa, diferentes práticas pedagógicas com os sujeitos escolares. Afastamo-nos da visão que reduz a prática pedagógica e o currículo à prescrição de documentos e propostas. Assumimos as redes de fazeres, tecidas na/com a complexidade do cotidiano escolar de professores, estagiárias e crianças, como parâmetro para a produção do conhecimento para a intervenção da educação física na educação infantil.

Dentro deste contexto, acredito que os conceitos das professoras revelam o quanto são necessários estudos que consolidem a educação física na educação infantil, e são justamente essas idéias que nos permitem partir de algo real na busca de um ideal, por isso é importante destacar o quão significativas elas são.

Souza (2006, apud MELLO, SANTOS, VOTRE, KLIPPEL e ROSA, 2015) considera que

como arte de evocar e construir memórias, narrar é atribuir sentido às experiências. As narrativas permitem, pela exteriorização do conhecimento sobre si e pelas dimensões dos saberes pedagógicos, a construção de um processo de reflexão e interpretação das histórias de vida e das trajetórias e percursos de formação(p.96).

Analisando os conceitos descritos pelas professoras colaboradoras, sinto que é necessário ressaltar que as “Práticas Pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil” (BRASIL, p.25, 2010) não mudam com a chegada de um professor de outra área, e que este pode e deve ser mais um a contribuir nas experiências vividas pelas crianças através das interações e brincadeiras. Desta forma percebe-se que não é porque o professor vem de uma área específica, que sua proposta deva ser específica e fora do contexto da educação infantil. Não é a disciplina de educação física chegando na educação infantil para dar a sua aula, mas sim um professor de educação física chegando para interagir e brincar com as crianças numa etapa complexa e mágica (imagem 15) chamada Educação Infantil.

Imagem 15 – brincando com panos, prendedores e fantasias



*Fonte: Fotos de arquivo profissional*

As idéias de Mello, Votre, Santos e Rodrigues (2015, p.57) demonstram essa preocupação afirmando que

diversos obstáculos se apresentam para que a presença da educação física na educação infantil cumpra o plano legal ou se legitime pelas práticas pedagógicas dos professores. As barreiras vão desde as questões teórico-metodológicas, relacionadas à intervenção da

educação física na educação infantil, até as representações sociais que circulam sobre essa disciplina no cotidiano das instituições destinadas a escolarização das crianças de 0 a 5 anos de idade. Além disso, a própria inserção de uma disciplina - educação física - em um contexto que não se organiza de forma disciplinar - educação infantil- é um desafio a ser superado.

A professora Pilar quando expressa suas idéias<sup>2</sup>, revela uma visão um pouco fragmentada do que seriam as interações do professor de educação física com as crianças de 0 à 5 anos, quando afirma: *“Penso ser muito importante a educação física na educação infantil, pois a partir do corpo, seus limites, desenvolve autonomia e entende-se que há regras que devem ser respeitadas”*.(C.Q. p.5) .

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, não citam as experiências de movimento, de uma forma separada como era apresentada no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998). Esta resolução considera que “as práticas pedagógicas devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira” e complementa que devem “garantir experiências que”:

- Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;
- Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;
- Possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos;
- Recriem, em contextos significativos para as crianças, relações quantitativas, medidas, formas e orientações espaço temporais;
- Ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas; 9 Possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar;
- Possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e conhecimento da diversidade;
- Incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza;
- Promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura;
- Promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais;

---

<sup>2</sup> Acredito ser importante esclarecer que antes de todas as leituras que fiz para a produção desta pesquisa, em muito concordaria com as colocações das professoras entrevistadas, pois as reflexões e análises que fazemos mostram as nossas limitações em relação às muitas questões do nosso cotidiano, e sendo assim, devem ser merecedoras de um maior aprofundamento. Exemplifico com minha vivência que, mesmo trabalhando em uma rede pública que realizava formações continuadas para professores com frequência, fui ler as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil com interesse e aprofundamento apenas no início da especialização a que se refere este trabalho, em 2014.

- Propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras;
- Possibilitem a utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas, e outros recursos tecnológicos e midiáticos. (BRASIL, p.25-26, 2010)

Sendo assim, fica claro que a “área da educação física” não está delimitada, e, portanto, cabe à todos os profissionais atuantes na educação infantil a responsabilidade de possibilitar as mais diversas experiências, conforme as citadas nas Diretrizes. A exemplo disso, professora Deborah Sayão (2002, apud MELLO, VOTRE, SANTOS e RODRIGUES, 2015) destaca que

para pensar a educação física no âmbito do trabalho pedagógico com crianças de pouca idade, é necessário articular diferentes áreas do conhecimento e diferentes profissionais [...] assim como na construção de um mosaico, estes profissionais vão articulando saberes e práticas que não podem ficar reduzidos a uma única disciplina ou à uma única área de conhecimento (p.64).

No entanto, é natural que os professores de educação física em suas interações e brincadeiras com as crianças, terão como elemento principal deste momento, o movimento humano, e automaticamente irão promover com maior intensidade as vivências que se relacionam com o “brincar e se-movimentar”.

Imagem 16 – brincar e se movimentar



*Fonte: Fotos de arquivo profissional*

Nesse sentido, é importante eleger uma concepção em que “a criança que se movimenta não é mera apresentadora de movimentos criados e ofertados pelos adultos, mas autora, constituidora de sentidos e significados do seu ‘se-movimentar’” (KUNZ e COSTA, p.18, 2015). Este “se-movimentar” se concretiza no ato de brincar. No entanto, Kunz e Costa (2015) alertam para o fato de que “existe em grande



parte na literatura da Educação Física na Educação Infantil que se refere ao brincar da criança, uma espécie de ‘brincar didático’, sob diferentes nomeações: aprendizagem motora, psicomotricidade, motricidade infantil, jogo”, e que este brincar demonstra um “interesse no futuro da criança” pois “ocupa-se mais com o conteúdo e utilização da brincadeira” para fins didáticos “do que com a criança que brinca” (p.14).

A pedagoga alemã Gerda Verden-Zöller (2004, apud KUNZ e COSTA, p.15, 2015) considera que

“a brincadeira é uma atitude fundamental e facilmente perdível, pois requer total inocência. Chamamos de brincadeira qualquer atividade humana praticada em inocência, isto é, qualquer atividade realizada no presente e com atenção voltada para ela própria e não para seus resultados...O brincar não tem nada a ver com o futuro. Brincar não é uma preparação para nada, é fazer o que se faz em total aceitação (imagem 17), sem considerações que neguem sua legitimidade.”

Imagem 17 – brincadeiras



*Fonte: Fotos de arquivo profissional*

Percebo que nós professores passamos nossa formação inicial e continuada sendo ensinados a ensinar, e que temos uma tremenda dificuldade em “ser professores sem dar aula”<sup>3</sup>. Staviski e Kunz (p.57, 2015) também levam isto em consideração quando afirmam que

as crianças têm uma capacidade muito grande de aprender e compreender as coisas, gente e fenômenos, mas o fato de aprender por si só, num diálogo com o mundo, é que não é bem aceito pelos adultos, que têm uma maneira própria de conceber como as crianças devem aprender e compreender o mundo.

<sup>3</sup> Referência ao título do texto “De como ser professor sem dar aulas na escola da infância” de Danilo Russo.

O importante neste processo é o educador entender o quanto o brincar é fundamental e vital nesta faixa etária, para que possa contribuir, e não, limitar as vivências das crianças. Permitir que a criança tenha a liberdade de brincar na “aula de educação física” é garantir o seu direito à infância, é permitir que ela não esteja sendo treinada ou preparada para algo no futuro, mas que ela viva o “aqui e agora” e tenha a companhia do adulto nas sua vontade incessante de descobrir as possibilidades do mundo ao seu redor, e nas suas tentativas em experimentá-lo. Desta forma, acredito então que a “aula de educação física” é o momento em que a criança tenha a oportunidade de experimentar as possibilidades do mundo ao brincar e movimentar-se (imagem 18), ou movimentar-se ao brincar, ou ainda brincar de se movimentar. Movimentar-se no sentido de expressão, não no sentido de atividade física do corpo.

Imagem 18 – as possibilidades do pano azul



Fonte: Fotos de arquivo profissional



Para além disto, a professora Deborah Sayão (2001) chama a atenção para que os adultos retomem e ressignifiquem o seu brincar, para que possam se aproximar das interações das crianças, tornando-se parceiros em suas invenções. “A vivência de momentos de intensa ludicidade nos quais as crianças juntamente com os adultos criam brinquedos e brincadeiras são momentos onde a infância toma corpo e se materializa” (SAYAO, p.151, 2001). Seria importante nós<sup>4</sup> adultos, nos permitirmos voltar a brincar, sem a preocupação de alcançar objetivos, para que possamos voltar a perceber o quanto viver o momento presente é de extrema profundidade e significância.

A exemplo disto, Staviski e Kunz (p.48, 2015) afirmam que

esse modo de viver pensando exclusivamente nos resultados das atividades é um modo de existir que só faz sentido para o adulto e que acaba desviando a atenção para longe do presente. As crianças não brincam pensando nos efeitos positivos do seu brincar, não chutam uma bola ou pulam amarelinha pensando nos ganhos motores e cognitivos destas atividades, elas simplesmente brincam, porque esta é sua maneira espontânea de viver e existir.

O professor deverá ter a sensibilidade para medir a sua intervenção, permitindo que as crianças tenham as mais variadas experiências, e não sendo um mero orientador ou condutor das ações e interações das crianças. A este respeito, Sayão (2001) defende que:

um dos sentidos da Educação Física na Educação Infantil pode ser dado pela ampliação das experiências de movimento das crianças. Se concordamos com isso, não existe razão para a repetição mecânica de atividades rotineiras que cansam-nas e não possibilitam que criem novas formas de se movimentar. Ao adulto cabe observar atentamente o grupo de meninos e meninas nas suas brincadeiras em espaços amplos ou restritos e organizar estes espaços e os materiais a fim de que os/as pequenos/as inventem novas formas de brincar (imagem 19) com os objetos, com seus corpos e com os corpos de seus colegas e dos adultos. (p.152, 2001)

Imagem 19 – explorando pneus, bolas, e espadas de jornal com os amigos



*Fonte: Fotos de arquivo profissional*

---

<sup>4</sup> Me incluo, pois rotineiramente nos acostumamos a “dar aulas” e pouco participar delas.



A criança brinca o tempo todo, ela naturalmente não pára seu brincar para realizar qualquer outra atividade, e pelo que as conheço, acredito que até quando dormem, brincam com seus sonhos. O seu brincar é reprimido com freqüência por nós adultos quando tentamos fazê-las cumprir alguma atividade cheia de regras e de “nãos”.

Quando as colocamos em fila para algo que chamamos de “brincadeira” em que elas têm que passar uma bola numa sequência por cima ou por baixo, por exemplo, para ver qual fila ganha, estamos aprisionando-as no modo adulto de ver “a brincadeira”, impedindo-as de sair da fila no impulso de buscar a bola que o outro derrubou, de saltitar nervosamente pois a bola está chegando na sua vez ou de passar a bola por onde acredita que estrategicamente será mais rápido. E por fim, quando elas resolvem fazer tudo isso, contra nossas orientações, ainda nos frustramos acreditando que elas não desenvolveram suas habilidades, não sabem seguir ordens e regras, e não conseguiram realizar nossa atividade, já que ficamos interferindo o tempo todo mostrando como seria o certo.

Já fiz muito isto, e no momento seguinte em que eu disse “desisto, podem brincar do que quiserem”, há uma explosão do que estava reprimido, e a maioria rapidamente foi brincar da “brincadeira da professora”. Mostraram habilidades que eu não imaginava que tinham, cobraram dos amigos regras que pensei que não entendiam, brincaram do seu jeito, passando por todos os lados inimagináveis do corpo, e fizeram tudo isso rindo e brincando, sem estarem engessadas nas minhas regras.

Então eu penso “mas por que é mesmo que seria importante elas saberem passar a bola por cima e por baixo, numa sequência que só faz sentido para mim???”. Mas, provavelmente elas estejam pensando: “que pena, a profe só trouxe duas bolas” (pra uma turma de 12, 15 ou 20?)... “sendo assim a gente poderia brincar de...???” “Passar a bola um para o outro?!?...” “Pode ser!!! Ebaaa!!!”... Na verdade, o desafio para elas seria conseguir passar a bola, ou conseguir pegar a bola sem perdê-la, e pouco importa para crianças até 5 anos, qual das filas ganhou, pois nessa idade o adversário é o mundo a ser descoberto e experimentado, e não a outra fila... Se elas perceberem que podem e querem brincar disto, e que seria divertido e desafiador, com certeza poderiam ficar horas brincando com apenas uma fila, em contrapartida se este interesse for somente do adulto, a atividade dura 5 minutos com muita insistência. Se não for para brincar, uma atividade assim não tem sentido.

Aos poucos estou reaprendendo a brincar junto, o que muda tudo. Pensando assim, gostaria que esta fase que hoje chamam de “pré-escola”, voltasse a se chamar “jardim de infância” o que faz todo o sentido e que também muda tudo. Imaginando a atividade descrita acima para crianças com menos de 4 anos, em um minuto (no qual estariam tentando entender algo que elas imaginariam ser em outra língua) provavelmente já teriam fugido da fila, literalmente, na tentativa de tornar isso engraçado ou brincável.

Kunz e Costa (2015) com muita propriedade nos lembram que

é lamentável conhecermos tão pouco do ser humano que ‘se-movimenta’ e damos tanta importância ao movimento que o ser humano [...] é capaz de copiar e imitar. É por isso que, normalmente, profissionais da Educação Física que trabalham com crianças ficam sem saber o que fazer. As condições não apenas fisiológicas das crianças, mas o seu ser assim para o mundo, não permitem que sejam condicionadas a cópias e imitações. Embora tentativas estejam sendo realizadas e não apenas nas atividades que envolvem o movimento humano, a escolarização precoce atualmente conduz, também, exatamente a isso, ou seja, à “extração da vida” da infância [...] Parodiando as cem linguagens da criança, de Loris Malaguzzi, da Escola Reggio Emilia, Kunz (2009) exagera um pouco nesta conta e diz que das mil linguagens, caminhos e possibilidades que a criança encontra no seu despertar para o mundo, a escola e os adultos próximos lhes retiram 999. (p.23)

Imagem 20 – brincar com pé-de-lata, envolve mais experiências do que “andar com pé-de-lata”:



*Fonte: Fotos de arquivo profissional*

Isto não quer dizer que a criança não precise do adulto, mas sim que a intervenção que fazemos não deve apressar e antecipar o desenvolvimento dela “com a idéia de serem adultos mais preparados e mais competitivos na sociedade de rendimentos e exigências em torno de competências funcionais cada vez maiores” (KUNZ e COSTA, 2015, p.27). É possível deixar as crianças viverem no presente, aprendendo muito sobre o que ela sente necessidade e à sua forma, e

acredito que suas descobertas podem sim ter o auxílio dos adultos, mas como um participante e acompanhante, não como um condutor. Os autores Kunz e Costa esclarecem ainda que

uma das coisas que as crianças querem e que muitas vezes parece lhes estar sendo roubada: o seu livre “brincar e se-movimentar”, entendendo este como um diálogo com o mundo, com os outros e consigo mesma [...] As crianças vivem seu mundo de uma maneira muito especial e própria. Crianças brincam e se movimentam sempre, e precisam disso para viver. E assim permanentemente e corporalmente presentes e atuantes. As crianças agem sempre de forma inteira, global, corporal. Se não for brincando e se-movimentando, as crianças se confrontam com um “mundo de segunda mão”. Assim sendo, as crianças querem um ativo acompanhamento no seu desenvolvimento, permitindo-lhes novas experiências e vivências significativas pelo “brincar e se movimentar”. Para os adultos isso significa não se preocupar com as exigências culturais dos mesmos, mas estar aberto para uma “cultura da criança” (p.35)

Imagem 21 – mesma criança, novas experiências: com ajuda do adulto ou sozinha.



*Fonte: Fotos de arquivo profissional*

Durante os momentos que passo com as crianças, pude perceber que o professor deve ser aquele que apóia, incentiva e dá segurança, para que elas possam aprender e experimentar coisas novas sem ter medo de errar, pois “errar” é apenas uma das hipóteses das suas experiências. Ao errar, acertar, experimentar e tentar por vontade própria, percebendo que o adulto permanece ao seu lado envolvido, interessado e se divertindo, a criança dá um significado muito maior à sua aprendizagem. Ela terá certeza de que não será repreendida por tentar e experimentar das mais diversas formas, e isso faz com que se encoraje e se aventure na busca da compreensão do seu mundo. Neste sentido, Kunz e Costa (2015) afirmam que

a criança precisa fazer coisas, envolver-se em atividades práticas, experimentar o ar, a luz, o vento, a terra, manusear ferramentas e objetos que emitam sons musicais, ela precisa construir seus próprios objetos do brincar, ela precisa tocar e cheirar plantas e animais, ela precisa desconstruir objetos e brinquedos e reconstruí-los, ela precisa participar e ajudar a

fazer alimentos e tantas coisas mais em que possa tomar parte com o auxílio do adulto e não com a sua condução e/ou proibição constante (p.33).

Quando chego na porta da sala de uma turma de crianças e as convido “Vamos brincar lá fora?” levando-as para o pátio, onde estão “apenas” bolas de vários tamanhos, elásticos e pneus por exemplo, nunca consigo prever a infinidade de experiências e possibilidades a que meus olhos estão prestes a testemunhar. Em todas as idades da educação infantil elas exploram, brincam, experimentam com todos os seus sentidos, com ou sem parceiros para as suas aventuras. E mesmo que, em outro dia lhe sejam oferecidos os mesmos brinquedos, a criança vai encontrar outras 999 maneiras de brincar (imagem 22). Então, não vejo sentido em obrigá-las, por exemplo, a fazer duas filas e querer que passem a bola por cima e por baixo, considerando esta atividade como momento principal do tempo que estão comigo no pátio. Nós vamos brincar o tempo todo, e este é o momento principal da “aula de educação física”. Se dentro deste tempo, alguém quiser brincar de passar a bola por cima e por baixo, então o brincar deve ser o foco, e não a execução desta brincadeira.

Imagem 22 – brincadeiras diferentes com o mesmo material



exploração do pneu - berçário

churrasco no pneu- maternal

bolo de pneu e bolas – pré-escola

Transportando o pneu – pré-escola

Reunião no pneu - maternal

Fonte: Fotos de arquivo profissional



Nesta perspectiva Kunz e Costa (2015) defendem a idéia de que

a subjetividade é nossa forma verdadeira de conhecer o mundo. O mundo e as coisas que os habitam não existem definidas “em si”, mas sim, são constituídas de possibilidades infinitas de agir, perceber, sentir, etc. A subjetividade de cada pessoa é o que traduz seu lado humano de ser o que se é. As vivências subjetivas do movimento humano são fundamentais para as crianças, e sendo vivências baseadas na cultura de movimento de cada um, não tem parâmetros nem modelos. As experiências individuais proporcionam a naturalidade e a originalidade desse movimento, o que se torna significativo para que a criança tome consciência do seu movimento próprio, que traduz a sua forma autêntica de desvendar o mundo. (p.26)

Se levarmos em conta todas estas considerações, não faz sentido pensarmos em uma aula de educação física que tenha como objetivo principal promover o desenvolvimento das crianças considerando “etapas fixas de maturação cognitiva e psicológica” (KLIPPEL e MELLO, 2012, p.33) proporcionando intervenções e atividades sem significado, disfarçadas de brincadeiras. É preciso aceitar como a criança é no presente e considerar que ela tem uma vontade intensa de descobrir seus potenciais e as coisas do mundo ao seu redor. Na opinião de Kunz e Costa (2015, p.29) “é urgentemente necessário impedir o apressamento da criança para o mundo moderno, o que acarreta necessariamente repensar o que significa *ser criança* e o que significa *ser adulto* no século 21”.

Este repensar certamente envolve a questão da formação de professores, não só os de educação física, mas todos os envolvidos na educação infantil. Esta preocupação revela-se no relato da professora Pilar:

*Durante a minha formação havia uma disciplina semestral chamada “jogos e brincadeiras”. Realizávamos diversas atividades corporais, campeonatos, pesquisas acerca do que poderia ser trabalhado no estágio em relação à educação física. Porém, hoje percebo, que a maioria das experiências que foram propostas e vivenciadas aplicam-se melhor nos anos iniciais.* (C.Q., p 5)

O primeiro passo já é dado quando se percebe que a educação infantil tem necessidades peculiares e que as propostas para o ensino fundamental não devem ser as mesmas da educação infantil. Para que seja possível esta percepção é necessário uma formação que vença barreiras, nos tornando capazes de fazer a leitura das linguagens infantis. A professora Deborah Sayão (1999) também percebeu estas questões em suas pesquisas:

Faz sentido ouvir o alerta das docentes que atribuem aos cursos de formação aos quais frequentaram, a fragilidade teórico-prática que possui em relação ao trabalho pedagógico com

o movimento humano voltado à crianças de 4 a 6 anos de idade. Ratificando essas afirmações, as professoras de sala argumentaram que, em seus cursos de magistério e complementação pedagógica, ou até mesmo no curso de pedagogia para aquelas que o frequentaram, não havia uma preocupação maior quanto a sua formação, no sentido de que possam compreender e interagir com as crianças nas atividades que envolvem o movimento e conseqüentemente a brincadeira. (p. 234)

Deborah Sayão vai mais fundo na questão da formação de professoras. Afirma que há um bom tempo as mulheres são maioria na atuação de profissionais com crianças pequenas, e por conta disto trazem sua bagagem histórico-cultural em relação ao corpo para dentro da educação infantil.

As questões correlatas à sexualidade e que estão intimamente relacionadas ao corpo são tabu na formação do magistério como profissão ligada ao feminino. Guacira Louro (1997) recorre aos estudos de Scraton (1992) para esclarecer que quanto aos cuidados com relação à sexualidade, muitas mulheres desde pequena evitam jogos e atividades que supõem contatos físicos. A justificativa para isto seria que tais ações são culturalmente contrárias ao ideal de feminilidade, opondo-se a um modelo feminino e heterossexual, passivo, supostamente frágil, e obrigatoriamente gracioso. Guacira Louro (1997) lembra que ‘ desde a infância tradicionalmente as meninas aprendem não apenas a proteger seus corpos como a ocupar um espaço corporal pessoal muito limitado, desenvolvendo assim, ao longo da vida uma espécie de timidez corporal’. Isto é bastante observado por nós em cursos de formação em que grande parte dos participantes são mulheres. Há uma excessiva proteção com seus corpos e a evidência de uma timidez que as impede de experimentar alguns movimentos ou mesmo jogos e brincadeiras, resistindo à ousadia ou ao prazer de esconderem-se e serem achadas, correrem e serem pegas, escorregarem e caírem, rolarem e encontrarem a companhia. (SAYAO, 2002, p.60)

Sem perceber, transmitimos à nossa ação pedagógica essa timidez corporal, e privilegiamos atividades em que não colocamos nosso corpo em evidência. As barreiras que temos a vencer, não são apenas teórico-metodológicas, pois também é importante estarmos disponíveis corporalmente na interação com as crianças.

A professora Dra. Sandra Richter em sua palestra “Artes na educação Infantil” (2016), afirma que quando levava poesia da Cecília Meireles para as crianças da educação infantil, não tinha a intenção de ensinar poesia, pois o que a criança aprende é o amor que ela tem pela poesia. Em outro momento levava Miró, então eles queriam saber quem era Miró, e ela lhes trazia livros. Eles não estavam aprendendo sobre Miró, mas estavam aprendendo a pesquisar.

Desta forma podemos perceber que a criança, dá um significado muito maior ao que o adulto faz, do que ao que tenta lhe mostrar, falar ou ensinar. Neste sentido Sayão defende que

É preciso que nos conheçamos melhor não só oralmente, como o fazemos a todo momento, mas também é preciso que conheçamos possibilidades de nossos corpos: seus gestos, movimentos e expressões. Para tal, nos processos de formação das profissionais que atuam com as crianças pequenas, faz-se necessário incluir o olhar para nós mesmas, é preciso aprender a conhecer as reações de nossos corpos ao toque, à música, aos odores. Isso é

possível fazer também no contato com as crianças. Brincadeiras com músicas nas quais tocamos e somos tocadas, quais nos permitimos sentir os diferentes ritmos e dançá-los junto com as crianças, mesmo as bem pequeninas... Todos sabemos que a maioria das crianças adora rolar pneus em espaços amplos. Sabemos também que elas próprias criam obstáculos para serem ultrapassados com pneus. E as profissionais, já experimentaram rolar os pneus junto com as crianças? É preciso experimentar esta ação, para que possamos, não só propor outras formas de rolar os pneus, mas também é importante que sintamos, assim como as crianças o fazem, tal textura desse objeto, a sensação de correr atrás dele, sua trajetória no espaço etc. (p.62)

Imagem 23 – experimentação da criança



Fonte: Fotos de arquivo profissional

É desafiador pensar neste momento, que se o professor regente da turma possa dar conta de proporcionar experiências do brincar e se-movimentar para as crianças, seria então necessário um professor de educação física na educação infantil? ...

A este respeito , a professora Flora afirma que:

*por mais que me sinto despreparada algumas vezes frente a proporcionar atividades desse cunho, que o movimento não é algo exclusivo do profissional de educação física. Percebo que o que falta é formação para o pedagogo, obviamente de forma mais simples e como estratégia na ausência de um professor de educação física. Mas essa percepção não exclui a importância do profissional da Educação Física no ambiente escolar da educação infantil (C.Q., p. 2)*

A professora Ruth, também colaboradora desta pesquisa acredita que não precisa ser necessariamente um professor de educação física para proporcionar às crianças essas vivências e afirma que “*qualquer professor que atua na educação infantil deve ter a consciência de que nesta etapa as crianças precisam de experiências que venham a contribuir no desenvolvimento de suas capacidades motoras*” (C.Q., p.7).

A este respeito, Sayão (2002) destaca que “a questão não está no fato de vários profissionais atuarem no currículo da educação infantil. O problema está nas concepções de trabalho pedagógico desses profissionais” e ressalta ainda que:

A interação, a brincadeira e as diferentes linguagens da criança são os eixos fundamentais no processo educativo no qual a criança é vista como um todo indissociável. Portanto, não se trata de atribuir funções específicas para um ou para outro profissional e designar ‘ Hora da brincadeira’, hora da interação e hora para as linguagens. O(a) professor(a) de Educação física deve ser mais um adulto com quem as crianças estabelecem interações na creche. No entanto, só se justifica a necessidade de um profissional desta área na educação infantil se as propostas educativas que dizem respeito ao corpo e ao movimento estiverem plenamente Integradas ao projeto da instituição, de forma que o trabalho dos adultos envolvidos se complete e se amplie visando possibilitar cada vez mais experiências inovadoras que desafiem as crianças.(p. 59)

As professoras Jade e Pilar também defendem a idéia de que não precisa necessariamente ser professor de educação física para que as crianças possam brincar e se movimentar:

*Penso que todo professor podem proporcionar às crianças situações brincadeiras e atividades sejam pautadas no movimento. No entanto, penso também que o professor de educação física em sua formação, adquire conhecimentos e saberes específicos e importantes para o desenvolvimento e o planejamento de uma rotina que vise desenvolver amplamente as habilidades corporais das crianças. (Pilar, C.Q. p 6)*

*Tanto no magistério quanto na pedagogia existem cadeiras específicas para aprender a desenvolver atividades com as crianças e sobre estudos nesta área do desenvolvimento motor. E também existe a questão de que muitos professores de educação física apenas tiveram a formação, sabem como é para fazer certas atividades, mas não tem “o tato” “o dom” e por isso acabam não fazendo um bom trabalho. Até porque não basta ter o conhecimento, tens que ter uma afinidade, gostar, acreditar no que fazes. Muitos querem colocar em prática o que a universidade dogmatizou como sendo certo, mas não observam o que a turma está necessitando, por que isto também deve ser visto durante as aulas de educação física (as limitações de cada criança e os avanços que cada um pode ter).(Jade, C.Q., p 4)*

Destaco quando a professora Jade fala da afinidade e do gostar. Isso é o que me incentiva a buscar a melhor forma de fazer meu trabalho e esta minha pesquisa. Ao buscar esclarecimentos sobre a realização do concurso que fiz, Educação Física para a Educação Infantil e Séries Iniciais, a Assessoria de Educação Física atuante na Secretaria Municipal de Rio Grande informou que o Concurso foi pensado desta forma para que os professores de Educação Física que gostam de trabalhar com crianças pequenas pudessem ter essa oportunidade. Não posso deixar de dizer que para mim esta foi uma oportunidade de ouro.

Desta forma, estou convicta em afirmar que as ações pedagógicas de um professor de educação física na educação infantil, podem sim para contribuir para o



desenvolvimento integral da criança, já que ela aprende o tempo todo, brinca o tempo todo e movimenta-se o tempo todo, mas somente se assim lhe permitirem.

Imagem 24 – interações e brincadeiras



Fonte: Fotos de arquivo profissional

## 5. VER ESTRELAS...

*“Brincar é criar...  
criar uma forma não convencional  
de utilizar objetos, materiais, idéias, imaginação.  
É inventar o próprio tempo e espaço”*

*(FREITAS, SILVA e SILVEIRA, 2012)*

Muito difícil a missão de encerrar esta etapa de pesquisa, já que ainda sinto a necessidade de aprofundar tantas questões. Tenho a impressão de que subi um degrau bem alto... antes o via lá debaixo e pensava que eu estaria no alto depois que subisse... somente depois da subida que é possível perceber os muitos degraus que ainda tenho pela frente...

Freqüentar as aulas, participar de discussões e refletir foram fundamentais para o nosso crescimento, mas escrever (ah escrever...) é muito profundo. É como plantar uma semente dentro de si mesmo, regá-la todos os dias, adubá-la e às vezes perceber que não usou o adubo certo, trocar o adubo e cuidar, ser seu próprio sol e às vezes passar dias nublados... mas um dia... ver florescer.

Quando comecei a organizar minhas idéias para fazer este trabalho, estava certa de que estaria agora descrevendo o quanto o desenvolvimento das habilidades e capacidades motoras são importantes para as crianças. Isto não quer dizer que não sejam. Mas, felizmente consegui perceber o brincar é a prioridade absoluta também na aula de educação física na educação infantil.

Me identifiquei com pessoas, também atuantes na área da educação física, que me deram suporte para unir o meu “ser professora de educação infantil” com o meu “ser professora de educação física”. Ler e refletir sobre o tema da Educação Física na Educação Infantil, me permitiu produzir as estruturas. Mas escrever, organizar as idéias e argumentá-las, me permitiu construir minha ponte. O tempo vai me mostrar se ela é frágil ou forte, e tenho certeza que vai precisar de reforma e manutenção constante, mas agora consegui unir duas partes fundamentais de mim mesma.

Estávamos todas nós, acuadas em nossos mundinhos, em nossas escolas, em nossas salas. Então nos permitimos voltar a viver o papel de alunas. E já na primeira aula deste curso de especialização, o tapa na cara: “parem tudo e vão brincar”... Já sabíamos disto, mas nos faltava o apoio de um grupo que também

pensasse assim, e a fundamentação das teorias que sustentassem nossos argumentos. Percebemos de que a caravana que defende o brincar era muito (muito) maior que apenas nosso o grupo de 40 e os nossos livros da escola. Ver professoras, colegas, mestres, doutoras, crianças e uma infinidade de gente defendendo o brincar, nos tornou muito mais fortes e convictas.

Refletir sobre o brincar na ótica de um professor de educação física, é ter que perceber que quem ensina é a criança. É ter que ressignificar a sua ação pedagógica, libertando-se do dar aula. É não priorizar a preparação para ações futuras, mas sim viver o momento presente, viver a brincadeira. É ter que permitir-se brincar e experimentar junto com a criança. É conviver com a infância durante um período de 40 minutos, e não, dar uma aula de educação física em 40 minutos. É potencializar as experiências, descobertas e vivências da criança, garantindo o seu direito de brincar. É se aventurar no universo do se-movimentar. Enfim, é poder abrir a porta de uma sala e dizer “Vamos brincar lá fora?!?” e ver estrelas saltando destes lindos sorrisos... (imagem 25)



*Fonte: Fotos de arquivo profissional*

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e Bases da educação Nacional. Brasília, DF, 1996.

\_\_\_\_\_. Casa Civil. **Lei do Piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica**, Lei nº 11.738. Brasília, DF, 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** – Brasília: MEC, SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

C. Q – **Caderno de questionários respondidos pelas professoras**.

COELHO, Paulo. **O alquimista**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

CRESWELL, John W. **Cinco Abordagens Qualitativas de Investigação**. IN: Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa: Escolhendo entre cinco abordagens. Porto Alegre: Penso, 2014.

FREITAS, Gustavo da Silva; SILVA, Méri Rosane Santos da; SILVEIRA, Raquel da. **Formação continuada em Educação Física – Educação Física na Educação Infantil e Anos Iniciais – escritas de uma formação continuada**, volume 1. Rio Grande: (s.L.), 2012.

GOOGLE MAPS. **Rio Grande do Sul**.

<https://www.google.com.br/maps/place/Tv.+Brasília,+30+-+Senandes,+Rio+Grande+-+RS,+96217-130/@-32.042143,-52.3239659,11z/data=!4m5!3m4!1s0x95118570cbeeb361:0x6459fde72e7dc30!8m2!3d-32.1605184!4d-52.1843719>. Acesso em: 04 de set. 2016.

\_\_\_\_\_. **Rio Grande – RS**. <https://www.google.com.br/maps/@-30.5034217,-54.7833471,7z> . Acesso em: 04 de set. 2016.

KLIPPEL, Marcus Vinicius; MELLO, André da Silva. **Infância, educação infantil e educação física**. IN: MELLO, André da Silva; SANTOS, Wagner dos (orgs). Educação Física na educação infantil: praticas pedagógicas no cotidiano escolar. 1ª Ed – Curitiba, CRV, 2012.

KUNZ, Eleonor (organizador). **Brincar e se movimentar: tempos e espaço de vida da criança**. Ijuí: editora Unijui, 2015.



KUNZ, Elenor; COSTA, Andrize Ramires. **A imprescindível e vital necessidade da criança: “brincar e se-movimentar”** IN: KUNZ, Eleonor (organizador). Brincar e se movimentar: tempos e espaço de vida da criança. Ijuí: editora Unijui, 2015.

MATTOS, Mauro Gomes de; NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física Infantil: construindo o movimento na escola**. 7ª edição. São Paulo: Phorte, 2008.

MELLO, André da Silva; VOTRE, Sebastião Josué; SANTOS, Wagner dos; RODRIGUES, Karolina Sarmento. **Educação Física na Educação Infantil: representações sociais em um CMEI de Vitória**. IN: MELLO, André da Silva; SANTOS, Wagner dos (orgs). Educação Física na educação infantil: praticas pedagógicas no cotidiano escolar. 1ª Ed – Curitiba, CRV, 2012.

MELLO, André da Silva; SANTOS, Wagner dos (orgs). **Educação Física na educação infantil: praticas pedagógicas no cotidiano escolar**. 1ª Ed – Curitiba, CRV, 2012.

MELLO, André da Silva; SANTOS, Wagner dos; VOTRE, Sebastião Josué; KLIPPEL, Marcus Vinicius; ROSA, Amanda de Pianti. **Desafios e possibilidades para a prática profissional da Educação Física na Educação Infantil**. IN: MELLO, André da Silva; SANTOS, Wagner dos (orgs). Educação Física na educação infantil: praticas pedagógicas no cotidiano escolar. 1ª Ed – Curitiba, CRV, 2012.

RICHTER, Sandra. **Artes na educação Infantil**. Palestra no V Seminário da Especialização em Docência na Educação Infantil. Santa Maria – UFSM, 2016.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Infância, Prática de Ensino de Educação Física e Educação Infantil**. In: Educação do corpo e formação de professores: reflexões sobre a prática de Ensino de Educação Física. p. 45-64. / VAZ, Alexandre Fernandes; SAYÃO, Deborah Thomé; PINTO, Fábio Machado (orgs). Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

\_\_\_\_\_. **Cabeças e corpos, adultos e crianças: cadê o movimento e quem separou tudo isso?** . Revista Eletrônica de Educação, v. 2, n. 2, nov. 2008. Disponível em <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/20/20>> Acesso em 21/08/2016

\_\_\_\_\_. **Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas à Educação Infantil e à Educação Física**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.23, n.2, p. 55-67, Campinas/SP, jan. 2002

\_\_\_\_\_. **Educação Física na Educação Infantil: riscos, conflitos e controvérsias**. Motrivivência, ano XI, nº 13, p. 221-238, novembro/1999.

\_\_\_\_\_. **Grupo de Estudos em Educação Física na Educação Infantil: alguns aspectos do trabalho pedagógico**. Motrivivência, ano XII, n. 17, p. 147-155, setembro/2001.

SILVEIRA, Carolina. Escola **Municipal é inaugurada com homenagem póstuma à professora da FURG**, 2016. Disponível em <[http://sistemas.furg.br/sistemas/paginaFURG/publico/index.php?id\\_noticia=26867](http://sistemas.furg.br/sistemas/paginaFURG/publico/index.php?id_noticia=26867)> Acesso em 21/08/2016.

STAVISKI, Gilmar; KUNZ, Elenor. **Sem tempo de ser criança: o se movimentar como possibilidade de transgredir uma insensibilidade para o momento presente**. IN: KUNZ, Eleonor (organizador). Brincar e se movimentar: tempos e espaço de vida da criança. Ijuí: editora Unijui, 2015.